

# Resenhas/Reviews



MEIRA, Yolanda Mourão (Org.). **O porão da família: ensaios de Psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 300p.

**The family's basement: essays on psychoanalysis.**

Roberta Carvalho Romagnoli\*

Escrito por cinco psicanalistas mineiras, Ana Maria Portugal, Carmen Moreira Caram, Iziná Helena Travaglia, Rosely Gazire Melgaço e Yolanda Mourão Meira, com a colaboração da psicanalista argentina Alicia Hartmann, o livro **O porão da família: ensaios de Psicanálise** (São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003) se apresenta como obra polêmica e instigante, que traz nova proposta de atendimento familiar. Essa proposta foi elaborada com base nas discussões de um grupo de estudos no Instituto de Estudos Psicanalíticos – IEPSI –, de Belo Horizonte, no início da década de 1990, que visava a problematizar a clínica com família.

O livro está organizado em três partes. A primeira – Família e estrutura – é composta por textos centrados na questão teórica, que discutem a noção de estrutura, as funções do Complexo de Édipo, o declínio da função paterna e sua ligação com a família. A segunda parte – A incidência do Real: um percurso a partir de duas notas sobre criança – discute o atendimento com crianças tanto em seu aporte conceitual quanto em seu aporte clínico, insistindo na importância da família, representada pelos pais, nesse cenário. Já a terceira parte – Estranhos nomes do Real – efetua um acoplamento efetivo do grupo em questão com a clínica psicanalítica lacaniana.

Dessa maneira, embasadas na abordagem estruturalista da Psicanálise, que tradicionalmente enfatiza a clínica do sujeito, as autoras efetuam arrojada e bem fundamentada aposta no atendimento da família, mediante a inclusão dos pais no tratamento da criança. Ousadia que se manifesta não só no confronto com o atendimento dominante desse núcleo, mas também no enfrentamento à própria tradição clínica lacaniana.

O campo da terapia familiar é predominantemente marcado pela teoria sistêmica. Seja sustentada pela sistêmica de primeira ordem, que focaliza a homeostase familiar, seja amparada na sistêmica de segunda ordem, que enfatiza os processos recursivos e o acaso, a intervenção familiar, nessa perspectiva, sempre trabalha com a relação. Relação que produz os sintomas que têm origem na totalidade do sistema familiar. Insistindo em um território interacional, os terapeutas de família atendem ao grupo como um todo, por meio de técnicas distintas, conforme a escola seguida, mas tendo como cliente a interação entre os membros do coletivo, esse “mais um” que é criado e cria a família. Nesse sentido, a sugestão da obra não é, de forma alguma, a de intervir nessa

---

\* Psicóloga, mestre em Psicologia Social pela UFMG, doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP, professora adjunta III do Departamento de Psicologia da PUC Minas/Unidade Betim. e-mail: robertaroma@uaivip.com.br.

relação, mas a de propiciar a emergência dos sujeitos na família, desfazendo esse “engodo”, como veremos a seguir.

Por outro lado, ao enfatizar a dimensão inconsciente, a Psicanálise estruturalista baseada nas idéias de Jacques Lacan privilegia o trabalho analítico com o sujeito do desejo, produzido dentro de uma estrutura universal e invariante – o Complexo de Édipo. Nessa estrutura, o desamparo é inerente à condição humana, uma vez que necessitamos do Outro tanto para sobreviver quanto para nos tornarmos sujeito. É através desse Outro que o sujeito inscreve-se na ordem da cultura, tendo que se haver com normas e valores para viver em sociedade, abrindo assim mão de sua origem animal, de seus instintos. A tensão entre as exigências da pulsão e as exigências sociais gera um mal-estar permanente. Para fugir disso, o homem cria laços sociais - o amor e a criação de vínculos estão no alicerce do social. O laço social é a condição de sobrevivência, e é no processo dialético de alienar-se no Outro e dele se separar que a subjetividade emerge. Esse movimento de alienação e de separação é reeditado nas relações familiares.

Embora essa vertente contenha vasto e sistematizado arsenal para a compreensão das tramas familiares, ela não possui dispositivos de intervenção clínica com esses grupos. Precisamente por destacar o sujeito em sua singularidade, em detrimento do indivíduo da relação, o trabalho com as famílias foi, nesta abordagem, desvalorizado e criticado. Nesse ponto, está a inovação do livro: insistir não só que o sintoma da criança é também sintoma de uma estrutura familiar, fruto da dinâmica pulsional da família, mas também insistir que a clínica tente apreendê-lo por meio da palavra, trabalhando inclusive com o par parental. Nesse contexto, a estrutura desejante da família não só deve ser examinada para uma compreensão daquele sujeito ocupante de um lugar no desejo de cada um dos pais, mas sobretudo deve entrar porta adentro do consultório. A demanda de análise, mesmo em se tratando de uma demanda em torno da criança ou da “relação”, ou em busca de uma solução para certo mal-estar entre os membros da família, deve ser acolhida e analisada para que venha a se desfazer e daí emergir-se em processos psíquicos individualizantes.

Para as autoras, é possível um trabalho psicanalítico familiar, que necessita efetuar um deslocamento da queixa da relação para a subjetividade de cada um, contrariando a perspectiva teórica e técnica da abordagem sistêmica. Deslocamento esse realizado com a presença concreta dos pais da criança no tratamento, uma vez que as funções e os lugares da estrutura edípica ganham corpo em pais da realidade. Nesse sentido, a criança, ao ser amparada por uma família, imaginária ou não, é a expressão dessa relação, estruturando-se psiquicamente pelas funções parentais. Já que a família compõe um interjogo de fantasias, no qual um sujeito causa algo, toca e “encarna” a fantasia do Outro, e esses sujeitos, não raro, vêem-se impossibilitados de encontrar outras saídas, por que não operar para a construção de outra possibilidade, ante essa clausura?

A relação familiar nesse processo analítico é relegada a segundo plano; a estrutura edípica, com base na qual o Outro familiar atua na constituição da subjetividade, é ressaltada. Dessa forma, a ênfase é colocada no sujeito e na sua implicação perante o discurso familiar, sendo a relação somente um dispositivo que ativa a demanda, uma vez que é depositária da parte de cada um, desconhecida pelos membros da família. A de-

manda, de alguma maneira, gira em torno do funcionamento da família e do casal como um lugar harmônico, mas é valendo-se de sua insuficiência que o sujeito pode emergir, reconhecendo suas próprias insuficiências e criando uma outra posição, um novo funcionamento. Sendo assim, a demanda necessita ser desmontada, ao longo do trabalho analítico, para que o psiquismo de cada membro possa aflorar, e cada um buscar sua própria análise.

O campo de atendimento à família se enriquece com a contribuição dessa obra, ainda “em construção”, no dizer das autoras. Todavia, seu caráter de provisoriedade não desqualifica, em momento algum, o movimento de sustentar os impasses que afloram na clínica cotidiana; pelo contrário, afirma a busca constante da criação, desvencilhando-se do sagrado e do dogmático. Observamos ainda que, gradativamente, mesmo que em uma prática orientada para sua dissolução, os coletivos ganham novo espaço na clínica contemporânea.

---

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 206p.

**The psychology of social abilities: therapy and education.**

Elaine Cristina Minto\*

**Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**, de Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prette, em 3ª edição e publicado também no México, constitui importante contribuição tanto para a área da Psicologia quanto da Educação. Atualmente, valoriza-se muito que as pessoas estejam informadas e possuam o conhecimento técnico, mas, ao mesmo tempo, que desenvolvam habilidades para lidar com a equipe, com os colegas e saibam resolver conflitos interpessoais. Diante disso, essa obra se mostra de grande relevância social e instrumentaliza o profissional que deseja trabalhar na promoção das relações humanas.

O livro consiste em nove capítulos distribuídos em duas partes e uma introdução feita pelos autores. A primeira parte é composta por cinco capítulos e abrange os aspectos históricos, conceituais e teóricos do Treino de Habilidades Sociais. A segunda compõe-se de quatro capítulos sobre a estrutura do treinamento, a avaliação de desempenho social, as técnicas e procedimentos adotados e as diversas aplicações. Na introdução, os autores adiantam que “os problemas de relacionamentos interpessoais

---

\* Psicóloga, mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo – *campus* Ribeirão Preto/SP. Colaboradora de pesquisa no programa PAI-PAD/OMS, no HCFMRP-USP. e-mail: elaine@infopropria.com.br.

não são considerados distúrbios ou patologias, mas diminuem a qualidade de vida das pessoas, requerendo intervenções preventivas e educacionais”.

Na primeira parte do livro, onde encontramos as perspectivas teóricas do Treino de Habilidades Sociais, a aprendizagem se dá mediante as interações sociais desde a infância e se estende por toda a vida. A aquisição das habilidades sociais ocorre a partir da observação dos pais e adultos ao redor e das conseqüências do próprio comportamento e dos demais. A base genética predispõe a uma maneira de interagir com o ambiente, mas as experiências sociais serão fundamentais para o desenvolvimento das habilidades. A habilidade social e a competência social são conceitos muitas vezes utilizados como equivalentes ou sinônimos, porém é importante distingui-los e compreendê-los enquanto referidos um ao outro. Podemos dizer que o indivíduo é competente socialmente quando responde a uma situação interpessoal com um conjunto de habilidades (comportamentais, cognitivo-afetivas, fisiológicas e outras) e desde que satisfaça cinco critérios: atingir os objetivos, melhorar as relações com o interlocutor, atingir o equilíbrio do poder e das trocas nas relações, melhorar a auto-estima e respeitar os direitos humanos. Esse desempenho social está permeado por dimensões pessoais, situacionais e culturais.

Já na segunda parte os autores descrevem os procedimentos que explicam a aprendizagem, a manutenção e o fortalecimento das habilidades sociais. De forma segura, os autores atentam para a importância ética da intervenção, primando pelo equilíbrio nas relações e pelo respeito aos direitos humanos. A avaliação se baseia nos princípios da análise funcional do comportamento, estabelecendo relações entre as variáveis antecedentes e conseqüentes. Com base em uma avaliação inicial, esboça-se o plano terapêutico, listando as problemáticas, os objetivos e os recursos que serão utilizados. É importante uma avaliação pré e pós-treinamento para verificar os efeitos produzidos pela intervenção. Os autores descrevem brevemente instrumentos de avaliação, como, por exemplo, entrevistas, auto-registros, inventários, observação, entre outros. Muitos grupos específicos, contextos clínicos, educacionais e outros podem beneficiar-se com a aprendizagem do Treino em Habilidades Sociais.

Concluindo, os autores fizeram ampla revisão bibliográfica sobre o assunto e redigiram de forma clara e objetiva, o que torna a leitura agradável e, ao mesmo tempo, útil. Acredito que esse livro poderia mencionar o Ensino de Habilidades de Vida, que se refere a um programa proposto pela WHO (1997) e parece uma proposta muito semelhante ao THS, uma vez que pressupõe o desenvolvimento de habilidades pessoais que ajudam a enfrentar as situações estressantes, tanto com relação aos problemas interpessoais quanto conflitos pessoais do cotidiano. Enfim, o livro contribui muito para esta área do conhecimento – as relações humanas.

## Referências

SEVERINO, A. J. Diretrizes para a elaboração de uma monografia científica. In: SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000. Cap. 5, p. 73-132.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Life skills education in schools**. Geneva: WHO, 1997.